

GEOGRAFIA CULTURAL DAS PERIFERIAS: CORPO, ARTE E RESISTÊNCIA

CULTURAL GEOGRAPHY OF THE PERIPHERIES: BODY, ART AND RESISTANCE

GEOGRAFÍA CULTURAL DE LAS PERIFERIAS: CUERPO, ARTE Y RESISTENCIA

Fernando de Matos e Silva¹
Silvana Afonso Costa²
Francinete Viana da Silva Corrêa³
José Mauro Palhares⁴

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar como as manifestações culturais das periferias urbanas participam da produção do espaço vivido, compreendendo o corpo, a arte e a rua como dimensões fundamentais da construção de territorialidades, identidades e formas de resistência. A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, levantamento de fontes secundárias e consulta a materiais disponíveis em ambiente digital, adotando abordagem qualitativa e interpretativa. A análise evidenciou que a periferia não pode ser reduzida à ideia de carência, precariedade ou afastamento em relação ao centro urbano, pois também se constitui como espaço de criação cultural, memória, sociabilidade e pertencimento. Os resultados indicam que práticas como grafite, música, dança, moda, linguagem, saraus, batalhas de rima e ocupações artísticas da rua transformam muros, praças, becos e calçadas em territórios simbólicos de expressão e disputa. Conclui-se que a cultura periférica atua como forma de apropriação do espaço urbano, revelando a periferia como território vivo, produtor de sentidos, identidades e resistências cotidianas.

1

Palavras-chave: Geografia Cultural; periferia. Corpo-território. Arte urbana. Resistência.

ABSTRACT: This article aims to analyze how cultural manifestations in urban peripheries participate in the production of lived space, understanding the body, art, and the street as fundamental dimensions in the construction of territorialities, identities, and forms of resistance. The research was developed through a bibliographic review, the survey of secondary sources, and consultation of materials available in digital environments, adopting a qualitative and interpretative approach. The analysis showed that the periphery cannot be reduced to the idea of deprivation, precariousness, or distance from the urban center, as it is also constituted as a space of cultural creation, memory, sociability, and belonging. The results indicate that practices such as graffiti, music, dance, fashion, language, poetry slams, rap battles, and artistic occupations of the street transform walls, squares, alleys, and sidewalks into symbolic territories of expression and dispute. It is concluded that peripheral culture acts as a form of appropriation of urban space, revealing the periphery as a living territory that produces meanings, identities, and everyday resistance.

Keywords: Cultural Geography. Periphery. Body-territory. Urban art. Resistance.

¹ Doutorando em Geografia, Universidade Federal de Rondônia.

² Mestre em Geografia, Universidade Federal do Amapá - UNIFAP.

³ Mestre em Geografia, Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

⁴ Doutor em Geografia, Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

RESUMEN: El presente artículo tiene como objetivo analizar cómo las manifestaciones culturales de las periferias urbanas participan en la producción del espacio vivido, comprendiendo el cuerpo, el arte y la calle como dimensiones fundamentales de la construcción de territorialidades, identidades y formas de resistencia. La investigación se desarrolló mediante revisión bibliográfica, levantamiento de fuentes secundarias y consulta de materiales disponibles en ambientes digitales, adoptando un enfoque cualitativo e interpretativo. El análisis evidenció que la periferia no puede reducirse a la idea de carencia, precariedad o alejamiento del centro urbano, pues también se constituye como espacio de creación cultural, memoria, sociabilidad y pertenencia. Los resultados indican que prácticas como el grafiti, la música, la danza, la moda, el lenguaje, los recitales poéticos, las batallas de rima y las ocupaciones artísticas de la calle transforman muros, plazas, callejones y aceras en territorios simbólicos de expresión y disputa. Se concluye que la cultura periférica actúa como forma de apropiación del espacio urbano, revelando la periferia como territorio vivo, productor de sentidos, identidades y resistencias cotidianas.

Palabras clave: Geografía Cultural. Periferia. Cuerpo-territorio. Arte urbano. Resistencia.

INTRODUÇÃO

A periferia urbana, frequentemente compreendida apenas a partir de indicadores de carência, precariedade ou ausência de infraestrutura, também pode ser analisada como espaço de produção cultural, simbólica e política. No campo da Geografia Cultural, essa mudança de olhar permite compreender que os lugares não são formados apenas por elementos materiais, mas também por práticas, sentidos, memórias, linguagens, gestos e formas de pertencimento. Nesse sentido, a cultura não aparece como algo separado do espaço, mas como dimensão constitutiva da experiência geográfica, pois participa da maneira como os sujeitos interpretam, ocupam e transformam os territórios em que vivem (Claval, 1999).

A partir dessa perspectiva, as periferias podem ser entendidas como espaços vividos, nos quais o corpo, a arte e a rua assumem papel central na construção de identidades e territorialidades. Danças, grafites, músicas, modos de vestir, linguagens próprias, batalhas de rima, saraus, bailes, rodas culturais e outras manifestações urbanas não são apenas expressões estéticas isoladas, mas práticas que produzem sentidos sobre o território. Elas revelam formas de pertencimento, afirmam presenças historicamente invisibilizadas e transformam ruas, muros, praças e becos em espaços de comunicação, memória e resistência.

Nesse debate, o espaço geográfico pode ser compreendido como resultado da relação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, conforme propõe Santos (2006). Isso significa que a periferia não se limita à sua materialidade urbana, como ruas, casas, equipamentos públicos e condições de infraestrutura, mas envolve também as ações sociais que lhe atribuem significado. O corpo que dança, canta, pinta, circula, ocupa e performa no espaço urbano participa da produção do território, pois transforma o espaço em lugar de experiência, expressão e disputa

simbólica. Assim, a periferia não deve ser vista apenas como margem da cidade, mas como território ativo de criação cultural e política. A discussão sobre território também se torna fundamental, uma vez que as práticas culturais periféricas produzem formas de apropriação simbólica do espaço. Haesbaert (2004) contribui para esse debate ao demonstrar que o território não deve ser compreendido somente em sua dimensão física ou jurídico-política, mas também em suas dimensões simbólicas, identitárias e relacionais. Nesse sentido, as manifestações culturais das periferias constroem territorialidades que afirmam modos próprios de existir na cidade. Ao mesmo tempo, dialogam com a questão da identidade, pois os sujeitos produzem sentidos sobre si mesmos e sobre o lugar que ocupam socialmente, em um processo marcado por disputas, deslocamentos e reconstruções culturais (Hall, 2006).

Além da dimensão teórica, essa discussão também encontra respaldo no campo das políticas culturais brasileiras, especialmente quando a cultura é compreendida como direito, participação social e forma de apropriação dos espaços. A Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014, ao instituir a Política Nacional de Cultura Viva, reconhece a importância das iniciativas culturais desenvolvidas por grupos, coletivos e comunidades, sobretudo aquelas situadas em contextos de vulnerabilidade social. Nesse sentido, o texto legal estabelece que:

São objetivos da Política Nacional de Cultura Viva:

- I - garantir o pleno exercício dos direitos culturais aos cidadãos brasileiros, dispondo-lhes os meios e insumos necessários para produzir, registrar, gerir e difundir iniciativas culturais;
- II - estimular o protagonismo social na elaboração e na gestão das políticas públicas da cultura;
- III - promover uma gestão pública compartilhada e participativa, amparada em mecanismos democráticos de diálogo com a sociedade civil;
- IV - consolidar os princípios da participação social nas políticas culturais;
- [...]
- IX - estimular a exploração, o uso e a apropriação dos códigos, linguagens artísticas e espaços públicos e privados disponibilizados para a ação cultural.

Essa compreensão reforça a pertinência de analisar as periferias como espaços de criação, circulação e disputa cultural. Ao reconhecer o protagonismo social, a apropriação de linguagens artísticas e o uso dos espaços públicos como dimensões da ação cultural, a política pública oferece respaldo para pensar as práticas periféricas não como manifestações isoladas, mas como formas legítimas de produção simbólica do território.

Diante disso, este trabalho justifica-se pela necessidade de ampliar o olhar sobre as periferias urbanas, compreendendo-as não apenas como espaços marcados por desigualdades, mas também como territórios de produção cultural, resistência e pertencimento. A relevância da pesquisa está em evidenciar como o corpo, a arte e a ocupação das ruas participam da

construção de territorialidades periféricas, permitindo uma leitura geográfica mais sensível às experiências culturais dos sujeitos. Assim, o estudo busca analisar de que maneira as manifestações culturais das periferias transformam o espaço urbano em campo de expressão, disputa simbólica e afirmação política.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa, construída a partir do levantamento, leitura e interpretação de obras, artigos científicos, documentos e materiais disponíveis em bases digitais relacionados à Geografia Cultural, território, periferia, corpo, arte urbana e resistência. Conforme Gil (2017), a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador analisar contribuições já produzidas sobre determinado tema, oferecendo base teórica para compreender o objeto investigado. Nesse mesmo sentido, Lakatos e Marconi (2017) destacam que esse tipo de pesquisa se desenvolve por meio de fontes secundárias, como livros, artigos, periódicos, teses, dissertações e demais publicações científicas.

Além do levantamento bibliográfico tradicional, a pesquisa também recorreu à busca em ambiente digital, considerando fontes secundárias disponíveis na internet, como artigos acadêmicos, publicações institucionais, registros culturais e materiais relacionados às manifestações artísticas periféricas. A análise dos materiais foi realizada de forma interpretativa, uma vez que, segundo Severino (2016), a pesquisa científica exige a leitura crítica das fontes e a articulação entre os dados levantados e o problema investigado. Desse modo, a metodologia adotada permite aproximar o debate teórico da Geografia Cultural das práticas sociais e culturais que produzem sentidos sobre a periferia enquanto território vivido.

Por se tratar de uma pesquisa voltada à compreensão de sentidos culturais e territoriais, não se buscou quantificar as manifestações analisadas, mas interpretá-las a partir de sua relação com o espaço urbano e com os sujeitos que o produzem. Nessa perspectiva, Minayo (2016) afirma que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que permite analisar fenômenos sociais que não podem ser reduzidos apenas a dados numéricos. Assim, a metodologia adotada contribui para compreender a periferia como espaço vivido, atravessado por práticas culturais, experiências coletivas e formas simbólicas de resistência.

PERIFERIA, CORPO E TERRITÓRIO: A PRODUÇÃO CULTURAL DO ESPAÇO VIVIDO

A periferia urbana pode ser compreendida para além da ideia de distância física em relação ao centro da cidade. Embora o termo esteja frequentemente associado a carências estruturais, desigualdades socioespaciais e precarização das condições de vida, a análise geográfica permite observar que esses espaços também são produzidos por práticas culturais, relações de vizinhança, memórias coletivas, formas de circulação, linguagens e experiências cotidianas. Nessa perspectiva, a periferia não é apenas uma área “afastada” ou “marginal” da cidade, mas um espaço vivido, no qual os sujeitos constroem formas próprias de pertencimento e atribuem sentidos ao território. Para Santos (2006), o espaço geográfico resulta da articulação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, o que significa que ruas, casas, praças, becos, muros e equipamentos urbanos só podem ser plenamente compreendidos quando relacionados às práticas sociais que os atravessam.

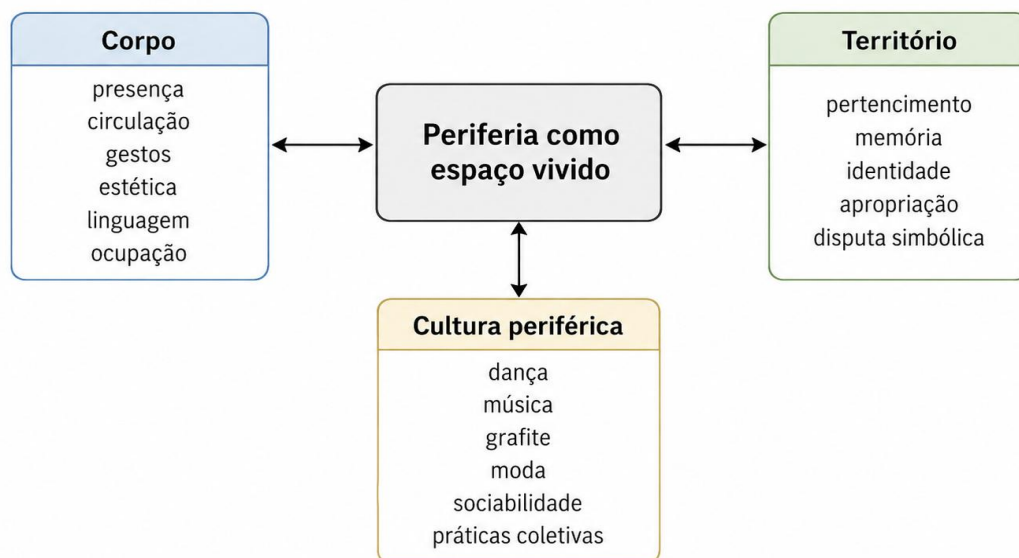
Essa compreensão é importante porque permite deslocar o olhar da periferia como ausência para a periferia como produção. Muitas vezes, os bairros periféricos são descritos apenas por aquilo que lhes falta: falta de saneamento, falta de segurança, falta de transporte eficiente, falta de equipamentos públicos ou falta de oportunidades. Esses elementos são reais e não devem ser ignorados, mas não esgotam a complexidade da vida periférica. A periferia também é formada por redes de solidariedade, sociabilidades de rua, encontros em calçadas, práticas religiosas, festas comunitárias, comércios locais, campos improvisados, salões de beleza, barbearias, igrejas, quadras, praças e espaços culturais informais. Esses lugares não são neutros, pois concentram experiências de vida, vínculos afetivos e formas de reconhecimento social. Carlos (2011) contribui para essa discussão ao destacar que o espaço urbano deve ser entendido como produto social, construído nas relações entre práticas cotidianas, apropriações e contradições da vida na cidade.

Nesse sentido, o corpo ocupa lugar central na produção cultural do espaço vivido. É por meio do corpo que os sujeitos caminham, encontram, dançam, trabalham, brincam, circulam, ocupam e disputam o território. O corpo periférico, portanto, não deve ser visto apenas como presença biológica no espaço, mas como presença social, cultural e política. A forma de andar, falar, vestir-se, cumprimentar, dançar, ocupar uma esquina, sentar-se na calçada ou participar de uma roda cultural comunica pertencimentos e produz marcas territoriais. Na periferia, o corpo muitas vezes se torna uma espécie de linguagem geográfica, pois expressa vínculos com o bairro, com a rua, com a juventude, com a cultura local e com as experiências coletivas que constituem o lugar.

A noção de lugar ajuda a compreender essa dimensão vivida da periferia. Para Tuan (1983), o lugar se constitui a partir da experiência, da familiaridade e dos significados atribuídos pelos sujeitos ao espaço. Assim, uma rua da periferia não é apenas uma via de circulação; ela pode ser o espaço onde crianças brincam, jovens conversam, vizinhos se reconhecem, trabalhadores retornam para casa, vendedores anunciam seus produtos e grupos culturais se apresentam. Do mesmo modo, uma praça pode ser simultaneamente espaço de lazer, encontro, disputa, memória e afirmação identitária. É essa densidade de usos e significados que transforma o espaço físico em lugar vivido.

A periferia, nesse contexto, também pode ser pensada como território. O território não se reduz à delimitação político-administrativa nem à posse formal da terra. Ele envolve relações de poder, apropriação, pertencimento e identidade. Haesbaert (2004) demonstra que o território possui dimensões materiais e simbólicas, sendo atravessado tanto por relações concretas de controle quanto por sentidos culturais e identitários. Nas periferias urbanas, essa dimensão simbólica aparece quando moradores reconhecem determinadas ruas, praças, campos, becos, muros ou pontos de encontro como referências de sua própria história coletiva. O território se forma, portanto, não apenas pela localização, mas pelo uso, pela memória e pela identificação dos sujeitos com o espaço.

Figura 1 – Relações entre corpo, território e espaço vivido na periferia



Fonte: Autor (2026).

A Figura 1 sintetiza essa compreensão ao evidenciar que a periferia, enquanto espaço vivido, se constitui pela articulação entre corpo, território e cultura periférica. O corpo aparece

como dimensão da presença, da circulação, da linguagem e da ocupação do espaço; o território, por sua vez, relaciona-se ao pertencimento, à memória, à identidade e às disputas simbólicas; já a cultura periférica expressa, por meio de práticas como dança, música, grafite, moda e sociabilidade, as formas concretas pelas quais esses vínculos se tornam visíveis no cotidiano. Assim, a figura demonstra que a periferia não pode ser compreendida apenas em sua materialidade urbana, mas também a partir das práticas e significados que a produzem diariamente, o que pode ser percebido, por exemplo, nas formas cotidianas de apropriação da rua.

Um exemplo disso pode ser observado nas formas cotidianas de apropriação da rua. Em muitos bairros periféricos, a rua não funciona apenas como passagem, mas como extensão da casa, da convivência e da vida comunitária. Crianças jogam bola, vizinhos conversam em frente às residências, pequenos empreendedores vendem alimentos, jovens escutam música, grupos religiosos realizam atividades e artistas utilizam muros ou praças como suportes de expressão. Essas práticas mostram que o espaço urbano é constantemente reinterpretado pelos sujeitos. Certeau (1994), ao tratar das práticas cotidianas, contribui para compreender como os indivíduos produzem sentidos no espaço por meio de usos, deslocamentos e pequenas táticas de apropriação da cidade.

A ideia de corpo-território permite aprofundar essa análise, pois evidencia que o corpo carrega marcas sociais, culturais e espaciais. Na periferia, o corpo pode expressar pertencimento por meio da roupa, do cabelo, da linguagem, da musicalidade, dos gestos e da presença coletiva no espaço público. Um jovem que participa de uma batalha de rima, uma mulher que transforma o salão de beleza em espaço de sociabilidade, um grupo que dança em uma praça, uma criança que brinca em uma rua sem equipamentos formais de lazer ou um morador que organiza uma festa comunitária estão, cada um à sua maneira, produzindo territorialidades. Essas práticas revelam que o território não é apenas cenário, mas condição e resultado da ação social.

A cultura, portanto, não deve ser compreendida como simples ornamentação da vida periférica. Ela é uma dimensão constitutiva da produção do espaço. Claval (1999) observa que a Geografia Cultural se interessa pelos modos como os grupos humanos atribuem sentidos aos lugares, constroem paisagens culturais e organizam suas experiências no espaço. A partir dessa perspectiva, as manifestações culturais periféricas podem ser interpretadas como práticas que produzem leitura, pertencimento e reconhecimento territorial. Elas indicam que os sujeitos não apenas vivem na periferia, mas também interpretam, narram, simbolizam e transformam esse espaço.

Essa produção cultural do espaço vivido também se relaciona com a construção de identidades. Hall (2006) argumenta que as identidades não são fixas, naturais ou imutáveis, mas formadas historicamente em processos de representação, diferença e pertencimento. Nas periferias, a identidade se constrói em meio a tensões: de um lado, há estigmas sociais que associam esses territórios à violência, à precariedade ou à marginalidade; de outro, há práticas culturais que afirmam orgulho, memória, criatividade e resistência. Assim, vestir determinada estética, falar determinada linguagem, valorizar determinados ritmos musicais ou ocupar coletivamente determinados espaços pode funcionar como forma de contestar representações negativas e afirmar outros sentidos para a periferia.

É nesse ponto que o corpo se torna elemento político da paisagem urbana. A presença de corpos periféricos em espaços públicos, especialmente quando associada à arte, à juventude, à estética e à coletividade, questiona a ideia de que a cidade pertence apenas a determinados grupos sociais. Serpa (2007) destaca que o espaço público nas cidades contemporâneas é atravessado por desigualdades, controles e formas seletivas de acesso. Nas periferias, essa disputa aparece tanto na ausência de equipamentos adequados quanto na criatividade com que os sujeitos reinventam os espaços disponíveis. Quando uma praça sem estrutura se transforma em ponto de encontro, quando um muro se torna suporte de memória visual ou quando uma rua vira espaço de dança, lazer ou celebração, ocorre uma apropriação simbólica e cultural do território.

Imagem 1: Apropriação cultural e cotidiana do espaço público periférico



Fonte: Lopes (2025)

Dessa forma, a periferia pode ser compreendida como espaço vivido porque nela se entrelaçam materialidade urbana, práticas corporais, experiências culturais e relações de pertencimento. O território periférico não é produzido apenas por políticas públicas, mapas oficiais ou divisões administrativas, mas também pelos usos cotidianos e pelas ações simbólicas dos sujeitos. Cada corpo que ocupa a rua, cada gesto de sociabilidade, cada manifestação cultural e cada forma de resistência participa da construção de uma geografia própria da periferia. Portanto, analisar a relação entre periferia, corpo e território significa reconhecer que a cidade é produzida também pelas experiências daqueles que historicamente foram colocados à margem, mas que continuam criando formas de presença, memória e afirmação no espaço urbano.

ARTE, RUA E RESISTÊNCIA: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS COMO DISPUTA SIMBÓLICA DO ESPAÇO URBANO

As manifestações culturais periféricas constituem formas concretas de produção e disputa do espaço urbano. Se a periferia pode ser compreendida como espaço vivido, é na arte, na rua, na música, no corpo e nas linguagens coletivas que essa vivência se torna visível. Grafites, batalhas de rima, danças urbanas, saraus, bailes, rodas culturais, estilos de vestir e formas próprias de falar não são apenas expressões espontâneas do cotidiano, mas práticas que comunicam pertencimento, narram experiências sociais e produzem territorialidades. Nesse sentido, a cultura periférica não se limita ao campo da estética, pois também atua como linguagem de afirmação diante de uma cidade marcada por desigualdades de acesso, reconhecimento e representação.

A rua ocupa lugar central nesse processo. Nas periferias, ela não funciona apenas como via de passagem, mas como espaço de encontro, circulação cultural, sociabilidade e expressão pública. A rua pode se transformar em palco, galeria, quadra, salão, praça, arena de debate ou lugar de celebração coletiva. Essa multiplicidade de usos demonstra que o espaço urbano é constantemente recriado pelos sujeitos que o habitam. Para Santos (2006), o espaço é resultado da relação entre objetos e ações; logo, uma rua, um muro ou uma praça não possuem significado apenas por sua forma física, mas pelas práticas sociais que os atravessam. Quando jovens organizam uma batalha de rima em uma praça, quando um muro recebe um grafite ou quando uma calçada se torna lugar de convivência, o espaço deixa de ser apenas infraestrutura urbana e passa a ser território cultural.

Nesse contexto, a arte periférica pode ser entendida como uma forma de apropriação simbólica da cidade. A noção de direito à cidade, discutida por Lefebvre (2001), contribui para compreender que os sujeitos urbanos não reivindicam apenas o acesso físico aos espaços, mas

também a possibilidade de participar da produção dos sentidos, usos e destinos da cidade. Assim, quando grupos periféricos ocupam ruas e praças com música, dança, grafite ou poesia, eles não estão somente utilizando espaços disponíveis; estão afirmando o direito de existir publicamente, de narrar suas experiências e de produzir outras imagens sobre seus territórios.

O grafite é uma das manifestações mais expressivas dessa disputa simbólica. Em muitos contextos, o muro aparece como fronteira, separação ou marca de abandono. Entretanto, quando apropriado pela arte urbana, ele se transforma em superfície de memória, denúncia, identidade e visibilidade. O grafite pode denunciar violências, homenagear moradores, afirmar identidades negras e periféricas, registrar símbolos locais ou simplesmente produzir beleza em espaços negligenciados pelo poder público. Nessa perspectiva, a arte visual urbana funciona como escrita territorial, pois inscreve no espaço marcas de presença e pertencimento. Claval (1999) contribui para essa leitura ao demonstrar que a cultura participa da organização simbólica dos lugares, permitindo que os grupos humanos atribuam sentido às paisagens que constroem e habitam.

Imagem 2: Grafite como forma de apropriação simbólica do espaço urbano



Fonte: (Jesus, 2020)

A música também possui papel fundamental na constituição das territorialidades periféricas. Ritmos como rap, funk, samba, tecnobrega, hip-hop e outras expressões musicais

urbanas narram experiências de vida, desigualdades, conflitos, afetos, desejos e formas de resistência. Essas músicas frequentemente transformam a vivência periférica em linguagem pública, permitindo que sujeitos historicamente silenciados narrem a cidade a partir de seus próprios referenciais. Herschmann (2000), ao analisar a presença do funk e do hip-hop na cena urbana brasileira, evidencia como essas expressões culturais tensionam representações sociais sobre juventude, periferia, consumo, violência e identidade. A música, portanto, não apenas acompanha a vida periférica, mas interpreta e comunica essa vida para dentro e para fora do território.

As batalhas de rima, os saraus e as rodas culturais também demonstram como a palavra pode produzir território. Nesses espaços, a oralidade se torna prática estética e política. A rima improvisada, o poema declamado, a narrativa de vida e a escuta coletiva transformam a rua em ambiente de produção de pensamento e reconhecimento social. Muitas vezes, esses encontros ocorrem em praças, esquinas, escolas, centros comunitários ou espaços públicos sem grande estrutura formal, mas carregados de significado para os participantes. A partir da perspectiva de Certeau (1994), é possível compreender essas práticas como táticas cotidianas de apropriação do espaço, pois os sujeitos reinventam os lugares disponíveis e produzem novos usos para a cidade.

Imagem 3: Ocupação cultural da rua por práticas artísticas periféricas



Fonte: Kezia (2024)

A dança, por sua vez, evidencia de maneira direta a relação entre corpo e território. Dançar na rua, na praça, na quadra ou em um evento comunitário significa ocupar o espaço com o corpo, produzir visibilidade e transformar o movimento em linguagem. Danças urbanas, passinhos, performances coletivas e coreografias de grupos periféricos tornam o corpo uma presença ativa na paisagem. O corpo que dança rompe com a ideia de que o espaço público deve ser apenas lugar de passagem, disciplina ou controle. Ele cria pausa, encontro, ritmo e atenção. Assim, a dança contribui para transformar o território em espaço de experiência coletiva, no qual o corpo comunica pertencimento e produz sociabilidade.

A moda e a estética periférica também participam dessa produção simbólica do espaço. Roupas, cortes de cabelo, tranças, bonés, tênis, acessórios, maquiagens, unhas, camisetas, cores e estilos visuais comunicam identidades e pertencimentos. A estética não deve ser vista como elemento superficial, pois ela expressa formas de reconhecimento, autoestima, circulação e demarcação cultural. Em muitos casos, vestir-se de determinada maneira significa afirmar vínculos com um grupo, uma geração, um bairro, uma cena musical ou uma experiência social. Canclini (2008), ao discutir as culturas híbridas, ajuda a compreender como práticas culturais contemporâneas combinam referências locais, globais, populares, midiáticas e urbanas, criando formas múltiplas de identificação.

A linguagem cotidiana também é parte importante dessa geografia cultural da periferia. Gírias, expressões, entonações, modos de narrar e formas de nomear lugares produzem pertencimento e diferenciação. O modo como os sujeitos falam do próprio bairro, das ruas, dos pontos de encontro, dos trajetos e das experiências vividas cria uma cartografia simbólica que nem sempre aparece nos mapas oficiais. Essa linguagem produz reconhecimento entre os moradores e, ao mesmo tempo, pode ser estigmatizada por grupos externos. Hall (2006) contribui para essa análise ao afirmar que as identidades são construídas em processos históricos e culturais de representação, diferença e pertencimento. Desse modo, falar, vestir, cantar e ocupar o espaço são práticas que participam da construção identitária dos sujeitos periféricos.

Entretanto, é importante evitar uma leitura romantizada da arte periférica. As manifestações culturais das periferias não apagam as desigualdades urbanas, nem substituem a necessidade de políticas públicas, infraestrutura, segurança, educação, transporte, lazer e acesso a direitos. A potência cultural desses territórios existe justamente em meio a contradições. Muitas vezes, coletivos artísticos, grupos de dança, MCs, grafiteiros, poetas e produtores culturais atuam sem financiamento adequado, sem espaços formais e com pouco

reconhecimento institucional. Ainda assim, suas práticas demonstram que a periferia não é apenas receptora passiva das condições impostas pela cidade, mas também produtora de respostas simbólicas, culturais e políticas.

Essa tensão entre precariedade e criação é central para compreender a resistência cultural periférica. Resistir, nesse contexto, não significa apenas se opor diretamente a uma estrutura de poder, mas produzir modos de existência, presença e reconhecimento em uma cidade que frequentemente invisibiliza determinados territórios. Quando um coletivo organiza um sarau, quando jovens transformam uma praça em espaço de dança, quando artistas pintam um muro ou quando moradores realizam eventos comunitários, eles disputam o significado daquele lugar. Magnani (2002) destaca a importância de observar as práticas urbanas “de perto e de dentro”, considerando os circuitos, trajetos e formas de sociabilidade que estruturam a vida na cidade. Essa perspectiva permite perceber que a cultura periférica se realiza em redes concretas de convivência e circulação.

Portanto, arte, rua e resistência formam um eixo fundamental para compreender as periferias como territórios de produção cultural e disputa simbólica. As manifestações culturais periféricas não são apenas expressões de lazer ou entretenimento, mas formas de narrar o espaço, afirmar identidades, ocupar a cidade e produzir pertencimento. Grafite, música, dança, moda, linguagem, saraus e batalhas de rima demonstram que a periferia é também lugar de criação estética, elaboração política e reinvenção urbana. Ao ocupar ruas, muros, praças e corpos, essas práticas transformam a cidade e revelam que o território é constantemente produzido pelas ações culturais dos sujeitos que nele vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar como as manifestações culturais das periferias urbanas participam da produção do espaço vivido, compreendendo o corpo, a arte e a rua como elementos centrais na construção de territorialidades, identidades e formas de resistência. Ao longo do trabalho, observou-se que a periferia não pode ser reduzida apenas à ideia de carência, precariedade ou afastamento em relação ao centro urbano. Embora as desigualdades socioespaciais façam parte de sua realidade, esses territórios também se constituem como espaços de criação, convivência, memória, pertencimento e produção simbólica.

A análise permitiu compreender que o corpo ocupa papel fundamental na construção do território periférico. É por meio dele que os sujeitos circulam, ocupam, dançam, falam,

trabalham, expressam estilos, constroem vínculos e afirmam sua presença na cidade. Nesse sentido, o corpo não aparece apenas como presença física no espaço, mas como linguagem social e cultural, capaz de comunicar pertencimentos, trajetórias e disputas. A periferia, portanto, é produzida não somente por suas estruturas urbanas, mas também pelas práticas cotidianas que dão sentido às ruas, praças, muros, becos e espaços coletivos.

Também foi possível perceber que manifestações como grafite, música, dança, moda, linguagem, saraus, batalhas de rima e rodas culturais funcionam como formas de apropriação simbólica do espaço urbano. Essas práticas transformam a rua em lugar de expressão, denúncia, celebração e reconhecimento. O grafite ressignifica muros; a música narra experiências sociais; a dança transforma o corpo em presença territorial; a moda e a linguagem afirmam identidades; e os encontros culturais tornam visíveis sujeitos e grupos muitas vezes invisibilizados pelas representações dominantes da cidade.

Dessa forma, o trabalho evidencia que a cultura periférica não deve ser compreendida como manifestação secundária ou meramente estética, mas como dimensão ativa da produção do território. As práticas culturais analisadas demonstram que a periferia é também espaço de elaboração política, ainda que nem sempre institucionalizada. Trata-se de uma política do cotidiano, construída nas formas de ocupar, narrar, pintar, cantar, vestir, dançar e reinventar a cidade. Essa perspectiva contribui para ampliar o olhar da Geografia Cultural sobre os territórios urbanos, valorizando as experiências dos sujeitos que constroem sentidos a partir de seus próprios lugares de vida.

Conclui-se, portanto, que a periferia é um território em permanente construção, atravessado por desigualdades, mas também por práticas de resistência, criatividade e pertencimento. Ao reconhecer o corpo, a arte e a rua como dimensões fundamentais da produção cultural do espaço, o estudo reforça a necessidade de compreender as periferias não apenas pelo que lhes falta, mas também pelo que produzem, comunicam e transformam. Assim, a pesquisa contribui para uma leitura mais ampla e sensível da cidade, na qual os territórios periféricos aparecem como espaços vivos, simbólicos e politicamente significativos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014**. Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 jul. 2014. Disponível em: https://transparencia.mpf.mp.br/conteudo/diarios-e-boletins/diario-oficial-da-uniao-1/2014/dou1_2014_07_23.pdf. Acesso em: 17 maio 2026.

- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.